
Viva a vida: Herbert Daniel e o retrato humanizado da homossexualidade e do HIV nos anos 1980¹

Jamer Guterres de MELLO²
Daniel Mendonça Ribeiro FAVARETTO³

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o documentário *Viva a Vida: Herbert Daniel, o Amor e a Aids nos anos 80* (1988), dirigido por Mônica Teixeira para o programa de televisão *Manchete Urgente*. Propõe-se pesquisar o contexto da obra, realizar uma breve descrição biográfica de Herbert Daniel (1946-1992) e analisar a abordagem humanizada realizada pelo filme situado dentro do período mais emblemático da epidemia de Aids no Brasil (1981-1996). Pretende-se, ainda, produzir uma reflexão sobre a dimensão discursiva do documentário, identificando as principais correntes de pensamento do personagem, evocando textos de sua autoria, como a autobiografia *Passagem para o próximo sonho* (DANIEL, 1982) e a obra *Vida antes da morte* (DANIEL, 1989).

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Televisão; HIV/Aids; Epidemia discursiva; Herbert Daniel.

A VIDA DE HERBERT DANIEL

O escritor Herbert Daniel caracteriza seu relato semiautobiográfico *Passagem para o próximo sonho* (1982) como um romance autocrítico sobre os diferentes exílios pelos quais passou em sua vida. E foi ao batalhar contra esses exílios que Herbert se tornou figura chave na história do ativismo da esquerda contra a ditadura militar brasileira, na luta por direitos das pessoas LGBT dentro dos partidos políticos de esquerda e na construção dos direitos das pessoas vivendo com HIV no Brasil.

James Green (2018) realiza um belo e importante trabalho ao recuperar a história de Herbert Daniel no livro *Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. O autor identifica seu trabalho como “uma biografia recuperativa, que se concentra em contar a história de

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM), doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS). E-mail: jamermello@gmail.com.

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM), graduado em Comunicação Social (Cinema) pela Fundação Armando Alvares Penteado. E-mail: favaretto888@gmail.com.

uma pessoa importante que não foi reconhecida como tal ou nem mesmo conhecida por muitos” (GREEN, 2018, p. 21).

Nascido na cidade de Bom Despacho no interior de Minas Gerais em 1946 e batizado como Herbert Eustáquio de Carvalho, Daniel mudou ainda criança com a família para Belo Horizonte e viveu uma infância onde se destacava pela curiosidade e pela vontade de saber, devorando livros e filmes. Desde a infância, Herbert lutava contra desejos homossexuais latentes e contra a pecha de florzinha ou maricas. Amizades firmes com meninas não se desenvolviam em relacionamentos amorosos. Durante passeios noturnos pelas ruas de Belo Horizonte, Herbert descobre a arte de se envolver com desconhecidos em encontros sexuais furtivos.

No início dos anos 1960, costumes conservadores apoiados a uma forte moral religiosa católica instauravam regras rígidas para o que se acreditava ser um comportamento moral adequado. Em uma passagem de *Meu corpo daria um romance* (1984), seu segundo livro autobiográfico, Herbert confidencia: “Procurava conservar uma meticulosa clandestinidade sexual. Meus pares eram apenas desconhecidos, com quem trocava mentiras ingênuas, nomes de guerra confusos” (DANIEL, 1984, p. 156). É possível identificar, nesse momento, o primeiro exílio vivido por Daniel, que mantinha seus desejos sexuais num mundo interior, escondidos das pessoas que o cercavam.

Herbert iniciou os estudos na faculdade de medicina da UFMG em março de 1965, um ano depois do golpe que destituiu o governo de João Goulart e instaurou um regime militar no país que duraria até 1985. No entanto, até entrar na faculdade a política não era uma prioridade na vida de Daniel, o que viria a mudar drasticamente muito em breve. Uma vez na universidade, se viu em um ambiente onde as ideias tinham muita relevância e as pessoas se envolviam em debates rigorosos. A União Nacional dos Estudantes, que após o golpe de 1964 teve sua ação criminalizada, proporcionava interações entre os estudantes pela cidade e fustigava a criação de um movimento sólido.

Herbert se viu instantaneamente interessado por ideais e argumentos de grupos políticos que representavam organizações de esquerda semiclandestinas. Ele completou os primeiros dois anos da graduação com notas máximas, mas foi progressivamente se interessado cada vez mais pelas manifestações e movimentos contra a ditadura e cada vez menos pelas aulas de medicina. Não demorou muito para ser recrutado por um

desses grupos, a Polop (Organização Revolucionária Marxista Política Operária) que organizava fóruns e debates sobre assuntos diversos, desde a guerra do Vietnã até a influência de empresas estrangeiras no Brasil. Pelos sete anos seguintes Herbert se comprometeu de maneira absoluta à vida revolucionária. Os intensos laços entre os camaradas da luta clandestina lhe proporcionavam uma sensação de pertencimento, apesar de ter que esconder seus desejos sexuais não normativos. Para a esquerda que seguia o movimento comunista internacional, a homossexualidade era considerada produto da decadência da burguesia e desapareceria após a queda do capitalismo e a decorrente instauração de uma sociedade socialista. Herbert fez sua escolha:

Desde que comecei a militar, senti que tinha uma opção a fazer: ou eu levaria uma vida sexual regular – e transtornada, secreta e absurda, isto é, puramente pequeno-burguesa, para não dizer reacionária, ou então faria a revolução. Eu queria fazer a revolução. Conclusão: deveria esquecer minha sexualidade (DANIEL, 1982, p. 96).

Em 1968 acontece uma divisão na Polop e Herbert segue a dissidência que acredita que somente a violência revolucionária poderia derrubar a ditadura. Em poucos meses Herbert ascende a liderança do movimento.

Refundada como Comandos de Libertação Nacional (Colina), a organização prepara e executa uma série de expropriações, assaltos a bancos ou a entidades privadas com o intuito de financiar a futura tática de guerrilha rural, estratégia desenhada por Che Guevara a ser implantada na América Latina. A resposta da ditadura veio rápido: o AI-5, decreto presidencial que fechava o congresso, suspendia habeas corpus, dava poderes de censura ao governo e revogava direitos políticos de qualquer opositor. Inúmeros membros da organização são presos e Herbert entra de vez na clandestinidade. Seu disfarce predileto era assumir a personalidade de um estudante de ginásio, secundarista inocente de uniforme com brasão de colégio católico carregando uma grande pasta com livros. Ser baixinho e gordinho ajudava na caracterização. Nos anos seguintes, Herbert experimentaria seu segundo exílio, vivendo em casas abandonadas, trocava de nomes frequentemente e recebia diariamente notícias de tortura e morte de seus companheiros. A experiência de ocultar sua sexualidade lhe ajudaria no processo de invenção de novas personalidades na clandestinidade.

O início da década de 1970 é marcado pelo famoso treinamento de guerrilha liderado por Carlos Lamarca na área rural do vale do Ribeira. Seria o treinamento para

um primeiro esquadrão, que aprenderia táticas de sobrevivência na floresta, manuseio de armas e táticas de recrutamento e educação política de futuros líderes. Apesar da animação inicial pelo movimento que se inicia no campo, a organização, agora intitulada como VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) sofre golpe após golpe do regime militar. Quase todo seu quadro é preso e a área de treinamento é cercada pelo exército. Daniel consegue fugir para o Rio de Janeiro, mas vive nos anos seguintes os momentos mais difíceis da clandestinidade do Brasil, convivendo com o risco iminente de ser preso e torturado a qualquer instante. Sua foto era divulgada nos principais meios de comunicação como terrorista procurado pelo governo. Ainda assim, consegue planejar e executar os sequestros do embaixador alemão e do embaixador suíço, visando a negociação de liberdade para 110 presos políticos. É condenado por violação a Lei da Segurança Nacional e sentenciado a múltiplas prisões perpétuas. Em 1971 conhece Cláudio Alves de Mesquita Filho, artista plástico que se tornaria seu companheiro de vida até sua morte em 1992. Cláudio, que já havia sido casado com uma mulher, lhe confessa aspirações homoafetivas e também escuta as confidências de Daniel. Passam os últimos anos de clandestinidade no Brasil, juntos, vivendo momentos de aparente tranquilidade enquanto ambos se ocultavam em atividades não revolucionárias como a gerência de uma boate e a montagem de uma peça juvenil. No entanto, amigos próximos são detidos e após seis anos de clandestinidade, Herbert decide se exilar na Europa.

O destino escolhido inicialmente é Portugal, que vive a Revolução dos Cravos. Daniel encontra trabalho como escritor em uma revista feminina e experimenta pela primeira vez, em muito tempo, a sensação de liberdade. Uma vez refugiado, Daniel se assume publicamente homossexual e reivindica lugar de fala sobre sexualidade e corpo dentro da esquerda revolucionária. Muda-se para Paris com o intuito de colocar a vida e os documentos em ordem. Começa a trabalhar como porteiro de uma badalada sauna gay, local de encontros sexuais furtivos da elite francesa, ocupação que lhe deu oportunidade de investigar um mundo oculto que há muito ansiava em conhecer e tempo vago para redigir seu primeiro livro autobiográfico. Publicado no Brasil em 1982, *Passagem para o próximo sonho* causou espanto ao dar pormenores do funcionamento de encontros sexuais homossexuais a leitores que esperavam uma viril biografia de um guerrilheiro que sequestrou embaixadores.

O fim dos anos 1970 trouxe uma promessa de transformação política que foi acompanhada de um movimento civil que exigia a anistia ampla, geral e irrestrita.

Nasceu assim o Comitê Brasileiro pela Anistia. Jornais alternativos começaram a circular se aproveitando da nova conjuntura política, criticando a ditadura e combatendo a censura. Os estudantes se reorganizaram e realizaram protestos, acompanhados por greves seguidas do movimento metalúrgico. Nasce nessa época o Lâmpião da Esquina, publicação mensal de conteúdo LGBT destinada a essa parcela da população. Herbert é convidado a realizar uma discussão pública sobre sexualidade no Comitê Brasileiro pela Anistia e o debate “Homossexualidade e Política” acontece no dia 29 de maio de 1979.

Nos primeiros anos da década de 1980 a anistia começa a tomar forma e Daniel testemunha a intensificação de seu terceiro exílio: enquanto observa todos seus amigos voltando para o Brasil, Herbert tem seu retorno negado por ter participado em ações com vítimas fatais. “Me recuse o passaporte, ou seja, me recuse o direito a cidadania, abuso característico do regime policialesco onde o desrespeito aos direitos elementares é a forma de fazer executar a lei” (GREEN, 2018, p. 246). Daniel faz uma carta aberta ao povo brasileiro, publicada pelo jornal Lâmpião da Esquina, em que pede mobilização pública em seu auxílio. Em julho de 1981 a Revista Veja publica uma matéria em que conta a história de Daniel, comparando-o ao personagem cômico Sebá, o último exilado político, criado por Jô Sares para o programa *Viva o Gordo*. No artigo, Daniel conta sobre sua homossexualidade e seu casamento com Cláudio sob um viés respeitoso e positivo, uma abordagem que praticamente não existia na mídia naquele momento, acostumada sempre a submeter o homossexual a um subtexto irônico e depreciativo. Daniel se torna então uma das primeiras pessoas públicas dispostas a levar sua homossexualidade a público, o que trouxe uma projeção nacional a seu nome.

Finalmente a anistia abrange o seu processo e Cláudio e Daniel preparam o retorno para o Brasil. Uma vez de volta ao Rio de Janeiro, Daniel se concentra em seus escritos, publicando seu primeiro livro. Uma nova onda política, o partido dos Trabalhadores, liderado pelo presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Luiz Inácio Lula da Silva, gera uma onda de greves e ganha projeção nacional como opção para a esquerda revolucionária. Herbert se filia ao PT e passa a trabalhar na campanha para deputado estadual do amigo Liszt Vieira. O material eleitoral trazia mensagens até então inéditas em campanhas nacionais, apresentando uma agenda socialista, mas que contemplava questões ecológicas e contra a discriminação de minorias. O slogan marcou para sempre os anos seguintes de Daniel: *Qualquer maneira de amor vale a*

pena, verso emprestado de Milton Nascimento e Caetano Veloso. A campanha foi um sucesso e Vieira foi eleito, chamando Daniel para ser seu assessor.

Daniel publica mais dois livros, *A fêmea sintética* e *Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. No último, faz um ensaio intitulado *A síndrome do preconceito*, em que analisa a resposta social ao HIV/Aids, promovida pelas informações errôneas da mídia que intitulava a epidemia como peste ou câncer gay. Daniel identifica na cobertura alarmista da imprensa e na associação imediata do HIV/Aids a homossexualidade como os geradores do clima de pânico persecutório instaurado na sociedade na década de 1980. Também nesse ensaio já está a ideia de que somente por meio de uma rede de solidariedade se pode enfrentar os efeitos desumanizadores dos aspectos médicos da síndrome e de que o paciente deve colaborar ativamente com os profissionais da saúde na tomada de decisões referentes a seu tratamento e na busca pela cura. São plantadas aqui as sementes do que se tornaria a resposta política ao HIV/Aids.

Daniel segue uma vida pública como candidato a deputado federal pelo PV, partido do qual participou da fundação em 1986. Defende um espaço político que compreenda as questões ambientais e da diversidade:

Nós, homossexuais, temos que aparecer na vida política. Ao atuar como homossexuais, não só defendemos nossos direitos, mas interferindo em toda a vida social, estaremos demonstrando radicalmente nossa opção pela liberdade e nossa vontade de reorganizar nossa convivência cotidiana, para que ela seja de plena solidariedade (GREEN, 2018, p. 293).

Em 1987 Daniel é convidado a participar de uma organização pelos direitos das pessoas portadoras do HIV/Aids, a ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids). Daniel ficou encarregado de editar o boletim da organização. Ao estudar e ter maior intimidade com o assunto, Daniel identifica uma questão central referente à epidemia: como as pessoas poderiam viver com a doença, sobreviver psicologicamente, quando a mídia e a sociedade em geral acreditavam que a notícia do diagnóstico de infecção pelo vírus do HIV era uma sentença de morte?

Suas experiências como estudante de medicina, ativista clandestino, guerrilheiro exilado e candidato de esquerda convergiram em uma abordagem inovadora para que Daniel, por meio dos boletins da ABIA, exigisse uma nova postura do governo frente à

epidemia. Em janeiro de 1989, Daniel passa por uma consulta médica que ele descreve posteriormente em seu livro *Vida antes da morte* (1989). Em um diagnóstico apresentado com pressa, um médico lhe dá a notícia de forma impessoal de que sua complicação no pulmão é seguramente indício de imunodeficiência causada pela Aids. O médico dá 40 segundos para que Daniel absorva a informação e lhe pede que pague a consulta e saia do consultório. Daniel não demorou muito para entender sua nova missão: afirmar que ainda estava vivo e politizar o fato de que vivia com Aids.

Herbert encararia seu quarto e último exílio de cabeça erguida. No *Jornal do Brasil*, publica o ensaio especial intitulado *Notícias de outra vida*, em que nos diz: “Quando adoeci, com uma infecção típica da Aids, percebi que a pergunta a ser respondida é se há vida, e qual, antes da morte” (DANIEL, 1989, p. 21). Daniel cria o grupo *Pela Vida*, fundação que acolhe e dá informação a pessoas vivendo com HIV. Com uma agenda voltada para a ação, o grupo pretendia combater a solidão, a clandestinidade e a discriminação em que vivem o soropositivo e o doente de Aids no Brasil, acompanhar criticamente as políticas públicas governamentais relativas ao controle e combate da epidemia e dar suporte para o doente para garantir a sua completa cidadania.

Os últimos anos de Daniel são marcados por uma pré-candidatura simbólica à Presidência da República pelo PV e pela publicação de seus últimos livros. No dia de sua morte, as emissoras de televisão mostraram em seus jornais diários cenas do velório, que descreveram como um ato de protesto. No enterro, Cláudio leu as palavras de Daniel:

Tenho Aids há muito tempo. Décadas, talvez. Minha principal descoberta, no entanto, é que estou vivo. Tenho estado bem com minha Aids e tenho sofrido. É só uma doença. Espero que um dia, quando a morte me levar, ninguém diga que fui derrotado pela Aids (GREEN, 2018, p. 26).

A imprensa mencionava que Herbert havia deixado Cláudio, seu companheiro há 20 anos, viúvo, trazendo às manchetes a incomum notícia sobre um relacionamento homoafetivo trivial e apaixonado.

O DOCUMENTÁRIO DA TV MANCHETE

Mônica Teixeira é uma importante jornalista brasileira, com carreira reconhecida e com passagens pelas principais emissoras de televisão, rádio e jornais do país. Com um vasto currículo, teve passagens pela Rede Globo, TV Gazeta, SBT, TV Cultura, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. Em 1988 Mônica realiza uma série de programas documentais investigativos por encomenda da TV Manchete. Sob influência do ensaio publicado por Herbert no Jornal do Brasil, Mônica acaba o acompanhando por dois meses, resultando em um documentário de 45 minutos intitulado *Herbert Daniel, o Amor e a Aids nos anos 80*, que vai ao ar no final de 1988 como parte do programa Manchete Urgente. O programa marcou 11% de audiência, o que garantiu uma reprise na emissora. Hoje o documentário está disponível na íntegra no site da ABIA⁴.

O Filme aborda o tema da homossexualidade e da epidemia de HIV/Aids sob a ótica de um casal soro-discordante: Herbert Daniel, positivo, e Cláudio Mesquita, negativo. Em entrevista a James Green, Mônica Teixeira lembra que “não era comum falar assim, saber que duas pessoas gays moram juntas. Eles repetem algumas vezes isso de ser parceiro, o parceiro da minha vida” (GREEN, 2018, p. 320).

A trama se desenvolve de maneira honesta e direta: a primeira imagem do filme é a de Daniel, que sorri para a câmera e se identifica com serenidade para o espectador: “Sou escritor, homossexual e estou doente com Aids. Isso me torna um cidadão absolutamente comum, um brasileiro como quase todos os outros, oprimido, mas cheio de esperança” (HERBERT, 1988).

A apresentação inicial é seguida de cenas do cotidiano de Herbert e Cláudio. O casal fuma um cigarro em um parque, participam de um vernissage, tomam café da manhã em casa. Sobre as imagens, Mônica Teixeira em voz *over* descreve os personagens, elencando idade, profissões, a escolha pela luta armada na época da ditadura, a perseguição seguida pelo exílio e contabiliza os 18 anos que o casal já passou juntos desde que se conheceram sem nunca se separar. Ao final atesta:

A equipe do programa e eu vivemos a vida deles por dois meses. A coragem e a solidariedade de Cláudio e Daniel, e a generosidade com que eles nos aceitaram com todos os nossos preconceitos, conquistaram a mim e a equipe de reportagem, acho que eles também vão conquistar vocês (HERBERT, 1988).

⁴ Disponível em: <https://abiAids.org.br/herbert-daniel-o-amor-e-a-Aids-nos-anos-80/28078>.

A próxima sequência tem a função de exemplificar os preconceitos existentes na sociedade quando o assunto é a homossexualidade. Em entrevistas realizadas na rua, uma florista diz que na cabeça dela a homossexualidade é ruim; um porteiro imagina que homossexuais devem sofrer algum tipo de problemas interno ou familiar; um taxista denuncia o estilo de vida como caminho errado que não se pode admitir; um ambulante dá graças a Deus que na casa dele só tem homem macho; e um farmacêutico diz que o modernismo aceita tudo, mas que ele não aceita não. Mais de um entrevistado repete: homem é homem e mulher é mulher.

Em voz *over* sobre imagens históricas de registros de atividades homoafetivas na antiguidade, Mônica identifica o início da rejeição ao homossexual: a reprovação começou quando Tomás de Aquino, um filósofo cristão na idade média afirmou que Deus criou os órgãos sexuais para reprodução, não para o prazer. O sexo entre homens só traz prazer, por isso seria condenado. Em seguida Herbert diz que acha que mereceu tudo que aconteceu em sua vida; Cláudio não sabe identificar se a pegação gay em parques é uma paixão louca, só beijo na boca ou um carinho intenso; uma médica se pergunta qual o limite da homossexualidade masculina; outro médico reconhece que os gays são considerados cidadãos de segunda ou terceira categoria; uma dona de boate diz que homossexuais vivem mais rápido e com intensidade, pois eles têm pouco tempo pela frente; e outro proprietário de casa noturna gay identifica na discriminação a origem da solidão nesse mundo.

Mônica se aprofunda nas entrevistas: Herbert fala sobre como a homossexualidade foi inventada pelo preconceito, questiona a ideia de uma identidade sexual e diz que o que existe são comportamentos sexuais diferentes de pessoa para pessoa. Cláudio conta pormenores da pegação que acontece no aterro do Flamengo, a troca de olhares, o clima de neurose entre pessoas não assumidas que fazem um teatro ao buscar por um caso furtivo ou por um príncipe encantando. Ao fazer uma chamada para a entrevista, Mônica diz:

Quem me contou os segredos da história e das práticas de um homossexual foi o Cláudio Mesquita, ele falou dele mesmo durante uma conversa longa aqui no Aterro de Flamengo. Cláudio não se esquivou de nenhuma das respostas que eu pedi a ele que me desse. E eu perguntei um mundo de coisas. No final o Cláudio confessou meio sorrindo meio brincando que se sentiu uma espécie de traidor por ter revelado publicamente alguns dos segredos do mundo exclusivo dos homossexuais aqui do Rio de Janeiro (HERBERT, 1988).

Cláudio fala sobre o pai que sempre o preparou para ser o homem da casa e cuidar da família. Apesar dos desejos internos reprimidos, Cláudio disse que seguiu inicialmente com relacionamentos com mulheres por não conhecer nenhum homossexual que tivesse um comportamento *normal*, somente as *bichas de ruas*, travestis que desmunhecavam e que ele achava um horror. Em seguida um depoimento tranquilo da mãe de Cláudio, afirmando que o filho havia já havia sido casado com mulheres, que não se deu bem, e que agora com Daniel se dá bem a ponto de não necessitar uma mulher, afinal, já estão juntos há 18 anos.

Herbert discorre sobre a dificuldade de não ter um termo para identificar o seu parceiro perante a sociedade. Normalmente o termo utilizado no dia a dia é o de *amigo*. Torna-se clandestino, assim, não só o sexo, mas qualquer relação amorosa e a própria vida do homossexual. Ele identifica inclusive que o clima gerado por tal clandestinidade faz muitos homossexuais entenderem que somente no encontro fortuito, na pegação anônima do gueto, existe algum tipo de completude sexual, que na realidade, aberta e assumida isso não é possível.

Em seguida Mônica fala sobre o gueto: um mundo a parte, lugares fechados em locais especiais da cidade, em que o homossexual vive confinado e a regra número um é o segredo (HERBERT, 1988). A jornalista conversa com donos de boates que indicam o expressivo mercado da noite LGBT. Alguns estabelecimentos não lhe dão permissão para fazer imagens em horário de funcionamento com a justificativa que sua clientela não gostaria de ser identificada publicamente. Outro comércio destacado é o das saunas, ponto de encontro para parceiros sexuais, algumas que funcionam como ponto de prostituição.

A próxima entrevista com Herbert Daniel já acontece na ABIA. Após breve resumo sobre as atuações da associação, Mônica questiona como Daniel se envolveu com a Aids. Ele responde:

Quando a peste chegou no Brasil, a primeira manchete era extraordinária: Peste Gay deixa toda a bicharada apertadinha. Essa foi a manchete que surgiu no jornal. Isso é a história que veio acontecer posteriormente. Esse susto que os homossexuais levaram, era algo somente para assustar os homossexuais. Era divertido assustar os homossexuais (HERBERT, 1988).

Em nova pesquisa histórica de imagens, Mônica conta sobre as primeiras mortes pela Aids no Brasil e traça um panorama da resposta pública à doença. Em entrevista a uma representante do Ministério da Saúde, pede mais do que assistência médica aos pacientes, e sim que eles sejam ouvidos quanto aos rumos de seus tratamentos. Em contraposição às respostas inconclusivas do técnico do ministério, médicos que atuam diretamente com os pacientes dão depoimentos mais realistas sobre a fraca resposta pública à epidemia. Um médico diz que os pacientes não pedem ajuda e acabam por se esconder em casa até não ser mais possível, marginalizados antes mesmo de entrar no hospital. E mesmo quando o quadro é tal que a necessidade de ajuda é imprescindível, homossexuais parecem não merecer o cuidado da saúde pública.

Em seguida Mônica conta a história do grupo Pela Vidda, que reúne pessoas que vivem com HIV, seus familiares e amigos. O grupo defende o fim da discriminação e afirma que quem não esconde que tem Aids vive mais e melhor. A jornalista entrevista uma senhora que faz parte do grupo, que só descobriu que o filho era homossexual após sua morte em decorrência da Aids. A mãe diz que o silêncio deve ter feito a ele muito mal: quando guarda tudo para si o sofrimento fica maior.

Mônica conversa com Cláudio e Herbert juntos, sobre o diagnóstico de Daniel e sobre sua resposta inicial à doença. “No final da conversa eu entendi, como é que é o amor que une o Cláudio ao Daniel e o Daniel ao Cláudio” (HERBERT, 1988). Ambos lembram sobre a ideia de Cláudio de se suicidarem após o diagnóstico. Daniel refutou a ideia, a hora era de vida, de realizar os sonhos sempre adiados. O momento não era de despedida.

Mônica pergunta se Daniel tem medo de morrer. Daniel responde que hoje ele sabe que vai morrer. Hoje ele tem a certeza da morte, ele sabe que não vai acontecer hoje, talvez daqui a dois anos, ele já acompanhou a história de outras pessoas com a doença e sabe que infelizmente esse será seu caminho a percorrer, em seu tempo de vida dificilmente encontrarão a cura. Mas pede que não segurem a alça de seu caixão, nada o incomoda mais. Ainda existe vida pela frente.

Ao ser perguntado sobre a perspectiva de Daniel morrer antes dele, Cláudio reconhece que a recuperação pela perda será uma tarefa enlouquecedora. Sentirá falta principalmente das confidências e do companheirismo. Daniel conta sobre um carnaval pós diagnóstico, em que assistia triste ao desfile das escolas de samba na TV. Quando questionado por Cláudio sobre o motivo da tristeza, conta que está triste porque

provavelmente perderá o carnaval do ano seguinte. Cláudio responde, curiosamente, que quem perderá algo será ele, pois estará vivo no ano seguinte, mas sem seu parceiro para assistir ao carnaval junto. Daniel finaliza dizendo que o sentimento que fica é de saudade antecipada, dos amigos, do café, de Cláudio e até mesmo de Mônica, que acabara de conhecer e que já se sentia tão amigo.

Quanto ao seu sistema estrutural, o filme é construído como um documentário clássico, com uma linguagem que transita entre o expositivo e o participativo, conforme os modos de representação idealizados por Bill Nichols (2001) em sua obra *Introdução ao Documentário*. Por ser um programa de televisão destinado a um público amplo e com objetivo principal de transmitir uma informação ao telespectador, o modo expositivo enfatiza um comentário verbal e uma lógica argumentativa, identificados na voz *over* do documentário que descreve cientificamente seus objetos e o encadeamento histórico dos fatos.

No entanto, o documentário ganha seu caráter mais humanizado ao se utilizar também do modo participativo, caracterizado pela interação entre o cineasta e o tema com envolvimento mais direto por meio de entrevistas e outras atividades em cena. O cineasta obtém uma experiência ao estar sendo cúmplice de determinado acontecimento e isso o transforma. Ao espectador fica visível essa mudança no cineasta.

Mônica, durante o documentário, assume a voz de Deus, o saber jornalístico que adentra uma pequena comunidade clandestina e documenta racionalmente o que encontra. No entanto a experiência modifica Mônica, ela reconhece isso de partida no documentário. Munida de preconceitos, a equipe de filmagem encontra Daniel que os desarma um a um. O famoso guerrilheiro demonstra que suas maiores armas são a solidariedade e a informação. A empatia é instantânea. A amizade que ambos criaram durante as filmagens duraria até a morte de Daniel, 4 anos mais tarde.

Quanto ao sistema estilístico, o filme mantém uma estrutura clássica de programas jornalísticos televisivos, realizando a cada cena um *establishing shot* (Plano de estabelecimento) da locação onde acontecerá a entrevista (Aterro do Flamengo, Sede ABIA, Hospital, Sede Pela Vidda, Praia de Ipanema, etc.), seguida de planos médios de entrevistas na famosa estrutura conhecida como *talking head*. A utilização de zoom também é constante, se aproximando do personagem em momentos em que a emoção se aflora. Fotografias antigas e cenas do cotidiano também são registradas e utilizadas em conjunto com material de arquivo durante as entrevistas, de modo bastante

fragmentário. Todo esse material é editado de forma a construir um discurso argumentativo proposto pela diretora sobre o tema. Cenas da paisagem criam momentos de silêncio, como passagens para que as informações apresentadas produzam determinados sentidos.

A linguagem televisiva também fica evidente na edição do documentário, organizado em três blocos de quinze minutos cada. Mônica realiza uma pequena chamada antes de cada entrevista, dando um resumo do que será mencionado no diálogo a seguir, característica típica da lógica jornalista e de suas manchetes. A trilha sonora, quando presente, corrobora com a construção da atmosfera de um documentário investigativo, que se constrói ao som de uma trilha de suspense, enfatizando um perigoso gueto clandestino de marginalizados. Ao não encontrar esse ambiente perigoso, a trilha traça um percurso mais harmonioso no final do filme, colaborando para uma atmosfera de plenitude por uma vida construída a dois, juntos.

O filme se torna um retrato pertinente e humanizado de Herbert Daniel, em um momento em que a mídia tratava os temas da homossexualidade e da epidemia do HIV/Aids ainda como tabus. Assim como os alicerces que basearam sua ideologia, o documentário que dá conta de sua história busca dar lugar de fala ao paciente, sensibilizar o espectador a uma ação solidária e informar o público da real condição de vida das pessoas vivendo com HIV.

Durante o documentário podem ser identificados alguns eixos principais no discurso de Herbert Daniel que dialogam com pensamentos que ele desenvolveu em seus livros. Dentre algumas das ideias que nortearam sua ação política está a crítica de Daniel ao processo histórico da medicalização da vida paciente como dispositivo de controle social dos *grupos de risco* dentro do ambiente urbano. Como forma de libertar o paciente do domínio e julgo médico, Daniel aponta a disseminação de informações corretas e a promoção de discussões inclusivas sobre o vírus. Essas seriam as únicas formas de destruir os mitos criados pela epidemia discursiva, ou a *Terceira Epidemia*, título dado pela Organização Mundial da Saúde a toda a desinformação que gira em torno da epidemia da Aids, mas que nada tem a ver com o vírus. Por fim, a solidariedade, única força política capaz de transformar o mundo, como resposta contra a morte civil do paciente e estratégia para garantir sua cidadania.

CONSIERAÇÕES FINAIS

As ideias de Herbert Daniel referentes a uma epidemia discursiva que cerca e rende a pessoa que vive com HIV, dando-lhe como único destino uma morte civil antecipada, dialogam com o texto *Lugar de fala*, de Djamila Ribeiro (2019). No artigo, a filósofa identifica que um discurso instaurado em uma sociedade não é apenas um amontoado de palavras e sim uma forma de controle e poder que determina o imaginário social. A pergunta é: quem pode falar? Em todos os seus exílios, qualquer que seja o contexto (ditadura, guerrilha, estrangeiro, HIV), a palavra foi sempre dada a outrem (militares, heterossexuais, comitê de anistia, comunidades médicas), que por meio desse dispositivo social podem regular e controlar os corpos dissidentes. É possível dizer que Daniel requisita lugar de fala para essas pessoas. Como Djamila examina, “grupos subalternos não tem direito a voz, por estarem em um lugar que suas humanidades não foram reconhecidas” (RIBEIRO, 2019, p. 74). O documentário *Viva a Vida: Herbert Daniel, o amor e a Aids nos anos 80* reconhece a humanidade de seus personagens durante a epidemia, cria uma plataforma de fala para eles e por isso faz um retrato digno à memória daqueles que pretende representar. Richard Parker (1989), intelectual parceiro de Herbert Daniel em inúmeros projetos, escreve na introdução do livro *Vida antes da morte*:

Uma das mais importantes coisas que a epidemia da Aids nos ensinou foi o valor da memória. Uma das principais maneiras de superar a dor e o sofrimento de nossas perdas é se lembrar das pessoas que perdemos - trazendo à memória a importância de suas vidas e valorizando seus legados (PARKER, 1989, p. 13).

Hoje o legado de Herbert Daniel permanece oculto para as gerações mais novas, muitas delas que se beneficiaram pelas conquistas relacionadas a políticas públicas de prevenção e tratamento a pessoas vivendo com HIV. Jean Willys, a quem James Green identifica como o herdeiro político de Herbert Daniel, aponta que

esse fato expõe o quanto nossa sociedade é homofóbica e refratária à visibilidade de personalidades que dignifiquem a homossexualidade. (...) O relativo apagamento de Herbert Daniel da história recente do Brasil, demonstra que essa homofobia não escapa nem mesmo os movimentos sociais e partidos de esquerda, que teriam a obrigação moral de contar, as gerações futuras, os feitos de Daniel (WILLYS, 2018, p. 14).

A obra e trajetória de Herbert Daniel é inspiradora e por ter sido revolucionária é ainda hoje vista como subversiva. Ao não ser recuperada para as novas gerações, sua memória sofre um processo de apagamento, tão comum a épocas em que se pretende reescrever a história. O documentário de Mônica Teixeira faz uma opção política ao humanizar personagens vivendo com HIV em uma época na qual a grande mídia ainda tratava o assunto como tabu. Retomar a vida, a obra e a luta de Herbert Daniel a partir deste documentário é também um ato político, sobretudo por evidenciar que seu espírito revolucionário não pode seguir em vias de apagamento. Portanto, compreendemos a importância de trazer à tona seus pensamentos, sobretudo por alguém que vive com o HIV e é agradecido pelas políticas públicas possibilitadas em parte pelas conquistas de Herbert Daniel. Elas infelizmente não chegaram a tempo de salvar a sua vida, mas se concretizaram a tempo de salvar as nossas.

REFERÊNCIAS

- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristyn. **A Arte do Cinema**. Campinas: Unicamp, 2013.
- DANIEL, Herbert. **Meu corpo daria um romance**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1984.
- DANIEL, Herbert. **Passagem para o próximo sonho**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1982.
- DANIEL, Herbert. **Vida antes da morte**. Rio de Janeiro: ABIA, 1989.
- GREEN, James. **Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- HERBERT Daniel, o Amor e a Aids nos anos 80. Direção: Mônica Teixeira. Rio de Janeiro: TV Manchete, 1988.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Papyrus, 2001.
- PARKER, Richard. Prefácio. In: DANIEL, Herbert. **Vida antes da morte**. Rio de Janeiro: ABIA, 1989, pp. 13-14.
- PEPIN, Jacques. **The Origin of Aids**. Cambridge University Press, 2011.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo, Editora Jandaíra, 2019.
- SONTAG, Susan. **Illness as Metaphor and Aids and Its Metaphors**. Picador, 2001.
- WILLYS, Jean. O laço que nos une. In: GREEN, James. **Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, pp. 13-15.